



# *O bom cristão não deve temer a morte. O Manual de Conforto, do teólogo luterano Johann Gerhard, de 1611*

Mara Regina do Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** O *Manual de conforto para pessoas angustiadas e doentes* é uma tradução do *Manual de consolação. Pequeno livreto com poderoso conforto que podemos contrapor à morte e às tentações na angústia da morte*, de 1877, original de 1611, do teólogo alemão Johann Gerhard. Acreditamos que problematizar as instruções luteranas aos aflitos e enfermos, em proximidade da morte, nos leva a conhecer, na intimidade, o que os crentes experienciaram. Buscamos compreender o quanto o *Manual* revela os medos e as formas de enfrentamento da morte do século XVII, sob a ótica luterana. Do ponto de vista conceitual e teórico, nosso artigo se apoia na relação entre a história das religiões com a história da leitura, tomando por base os estudos acadêmicos sobre a morte e o morrer.

**Palavras-chave:** morte; manuais; cristianismo; Johann Gerhard.

## **The good Christian must not fear death.**

The Handbook of Comfort, by Lutheran theologian Johann Gerhard, published in 1611

**Abstract:** The *Handbook of comfort for the anguished and sick* is a translation of the *Handbook of consolations: for the fears and trials that oppress us in the struggle with death* [1877], originally published in 1611 by German theologian Johann Gerhard. We believe that bringing into question the Lutheran instructions to the sick and dying leads us to intimately know the experiences of the believers. We search to comprehend how much the Handbook reveals the fears and ways of facing death in the XVII century, from the Lutheran perspective. From a conceptual and theoretical point of view, our article is supported by the relationship between the history of religions and the history of reading, using the academic studies of death and dying as the basis.

**Keywords:** death; handbooks; Christianity; Johann Gerhard.

## **Un buen cristiano no debe temer a la muerte.**

El Manual de Consuelo, del teólogo luterano Johann Gerhard, de 1611

**Resumen:** El *Manual de consuelo para personas afligidas y enfermas* es una traducción del *Manual de consolación. Pequeño librito de poderoso consuelo que podemos contrastar con la muerte y las tentaciones en la angustia de la muerte*, de 1877, originario de 1611, del teólogo alemán Johann Gerhard. Creemos que problematizar las instrucciones luteranas a los afligidos y enfermos, cuando están cerca de la muerte, nos lleva a conocer, en privado, lo que vivieron los creyentes. Buscamos comprender en qué medida el Manual revela los miedos y las formas de afrontar la muerte en el siglo XVII, desde una

<sup>1</sup> Doutora em História, Professora no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0581-1753>

E-mail: mara.regina10@gmail.com



perspectiva luterana. Desde un punto de vista conceptual y teórico, nuestro artículo se fundamenta en la relación entre la historia de las religiones y la historia de la lectura, a partir de estudios académicos sobre la muerte y el morir.

**Palabras clave:** muerte; manuales; cristianismo; Johann Gerhard.

## Introdução

Esse texto quer discutir e lançar luz sobre um livrinho<sup>2</sup> aparentemente sem importância para o mercado editorial brasileiro, mas que, inusitadamente, para sorte dos (as) pesquisadores(as) brasileiros(as), pela facilidade de acesso, foi lançado por uma editora religiosa do Rio Grande do Sul, no ano de 2000. O pequeno livro é uma tradução de uma obra lançada em 1877, cujo original é de 1611. Uma viagem assim, tão longeva no tempo, passando pelos séculos XVII, XIX e XX, precisa ser valorizada e o seu tradutor, o pastor Horst R. Kuchenbecker, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, da cidade gaúcha de São Leopoldo, merece reconhecimento. Trajetória de publicações como estas nos põe a pensar sobre as permanências de crenças e atitudes no tempo, nos coloca diante do desafio de questionar as certezas de enquadramentos generalizantes de conceitos e paradigmas.

Entre esses conceitos, nos atrai pensar o de “graça em Cristo”, o de “remissão dos Pecados” e, em especial, o de “Purgatório”, como doutrinas que atingiam os corações e mentes de cristãos com o mesmo impacto e temor, tanto dos devotos católicos, quanto dos luteranos. A última, a do Purgatório, era uma doutrina oficialmente negada pelo Luteranismo. Essas afinidades íntimas, expressas pelas manifestações de um bom cristão em sofrimento nos aconselhamentos dos manuais do conforto, permitem visualizar as tensões religiosas, mas, sobretudo, o afrouxamento delas. No universo católico e igualmente no luterano estavam presentes o medo da morte, o pavor ao Purgatório, a busca pela compreensão de como alcançar a graça e a preocupação em obter perdão e misericórdia dos pecados.

Entre os especialistas dos estudos sobre a morte e o morrer<sup>3</sup>, bem como entre os estudiosos dos manuais religiosos<sup>4</sup> de conforto para cristãos aflitos, o mais comum é a abordagem da produção católica, escrita por seus representantes sacerdotes, e menos sobre esta produção entre protestantes e suas diversas doutrinas. Parte do nosso encantamento pelo livrinho se explica por esta razões acima expostas.

Apresentaremos o livro da edição de 2000 na sua relação com o contexto em que a obra original foi produzida, em 1611, mas tomando como parâmetro o formato e o conteúdo publicados em inglês na obra de 1877, que foram mantidos os mesmos, ao que parece, na tradução longeva.

Em seu formato de edição, o “Manual de Conforto para pessoas angustiadas e doentes” (GERHARD, 2000), do teólogo alemão Johann Gerhard, nascido em 1582, na pequena cidade medieval de Quedlinburg, é um “handbook” e, em sua estrutura e conteúdo, divide-se em 46 capítulos. Cada um dos capítulos corresponde a 46 perguntas, ou aflições, às quais terão como respostas trechos do Antigo e

<sup>2</sup> Quando nos referirmos ao Manual de Gerhard, no que diz respeito ao seu formato, usaremos termos sinônimos como livrinho, pequeno livreto, handbook, pequeno manual.

<sup>3</sup> Nos referimos sobretudo aos autores franceses, pioneiros da temática, os clássicos Philippe Ariès, Michel Vovelle e Jacques Le Goff, assim como também autores nacionais, como Claudia Rodrigues, João José Reis, Mauro Dillmann, Adalgisa Campos, entre outros.

<sup>4</sup> Especificamente neste artigo, Peter Burke e Roger Chartier.



Novo Testamentos, ou reflexões teológicas, que servem de instrumento pedagógico para que se conheçam os fundamentos do cristianismo. As respostas que Gerhard sugere dar às aflições do que temem a morte, traçam diálogo com os evangelhos, sobretudo, do Novo Testamento, quando há referência às cartas a Timóteo, aos Coríntios, aos Romanos, à Epístola aos Efésios, ao evangelho segundo São Mateus, segundo São João e até o Apocalipse, mas Gerhard faz uso igualmente do que está em Isaías, no Antigo Testamento.

Concebido para ser um livro de bolso, cumpre a sua função de caráter prático, tanto para quem escuta, como a quem o utiliza com a intenção de consolar os corações em aflição na proximidade da morte. Há uma busca por um tipo de conforto muito específico no período: está-se tratando de um conforto para a alma, pois a doutrina do Purgatório, criada aproximadamente entre os anos de 1150 e 1250, legou à cristandade ocidental o temor do julgamento final (LE GOFF, 1995), a preocupação com o sofrimento da alma destinada a ficar em um limbo desconhecido, por um tempo incerto, um Além intermediário entre o terrível Inferno e o desejado Paraíso.

Um espaço onde os mortos passariam por uma difícil e dolorosa provação que só poderia ser abreviada através dos sufrágios – a ajuda espiritual – dos vivos (NASCIMENTO, 2013, p. 136). É neste contexto, em que a presença da morte e o temor ao post mortem é uma ameaça cotidiana que o Manual é publicado.

O livro de bolso de Gerhard, ou o pequeno manual, situa-se, em termos cronológicos, no período anterior ao que Roger Chartier, historiador cultural das artes da leitura, nomeia como a segunda revolução da história da leitura do Ocidente, que se localiza entre a era da impressão e antes da industrialização da produção do livro (CHARTIER, 2000, p. 24). Para o autor, essa revolução ocorreu no século XVIII, na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, onde a produção de livros teve crescimento notável, assim como também a multiplicação de jornais e de livros de pequeno formato.

Apesar de contemporâneo de um tipo de literatura teológica, a dos *ars morendi* medievais<sup>5</sup>, analisados por Roger Chartier em um de seus estudos sobre as escritas da sociedade moderna (CHARTIER, 1995), o Manual de Gerhard se distancia dos métodos medievais de apelo à alegoria para a compreensão da doutrina cristã.

A alegoria, como estratégia de catequese, será instrumento característico da produção literária religiosa católica, que se intensificará com mais vigor a partir do século XVIII. Como demonstram pesquisas voltadas à análise de manuais de devoção publicados com o aval da Igreja Católica (DECKMANN FLECK e DILLMANN, 2015), os textos serviam para divulgar os modos de expressar a fé, mas também para instruir sobre devoção (à Virgem, a Jesus, à Igreja, aos santos), como para orientar quanto aos modos de bem viver (virtudes cristãs), de pensar e preparar-se para a morte ou para instruir o fiel sobre o estado da alma na sua imortalidade (Paraíso, Purgatório e Inferno).

Em centúrias anteriores, no entanto, entre os séculos XVI e XVII, após o advento da invenção de Gutenberg, os panfletos luteranos já passariam a ser rodados nas máquinas de imprensa dos vários principados alemães simpáticos à causa reformista. Com Martinho Lutero, livros impressos nos modelos da

<sup>5</sup> Os livros “Ars morendi”, de acordo com Adriana Zierer, “visavam ensinar a arte do morrer, ou melhor, do bem morrer. Mostravam as práticas, orações e atitudes que o doente e seus familiares deveriam adotar para ajudá-lo no momento da morte”. No período medieval, “ars” significava “saber fazer” e tais livros surgiram em um contexto do século XV quando também se produziam vários livros sobre as “artes”, como a arte de trovar, guerrear, entre outras. Os manuais devocionais voltavam-se ao “ensino de práticas corretas para uma “boa morte”, com o intuito de auxiliar na salvação da alma” (ZIERER, 2022, p. 46).



imprensa de Gutenberg passaram a estar disponíveis para mais pessoas (BURKE, 1989, p. 281). Indiscutivelmente, a proliferação desta literatura protestante tornou a crítica ao catolicismo mais acessível, além de ter ajudado ainda mais na disseminação da leitura do protestantismo na Europa (FLORENTINO; SILVA, p. 327, 2022).

Este era, possivelmente, o caso do livrinho de Johann Gerhard, cuja primeira edição foi escrita em latim, em 1611. De acordo como o pastor evangélico luterano, Carl Julius Boettcher, o livreto foi traduzido para o alemão pouco depois da sua publicação, porém as várias traduções não teriam agradado a Gerhard, que em 1626, publicaria a sua própria versão para a língua germânica (BOETTCHER, 2000, p. 9). Segundo Boettcher, o autor manejava com excelência o latim, mas seu alemão era pobre, o que explicaria as várias traduções e publicações de outros autores que o manual recebeu após 1626.

Sob a perspectiva teológica, o livro de bolso de Gerhard adere-se às preocupações de Martinho Lutero, durante a Reforma, de dar atenção à produção de uma literatura popular, como os manuais, para fazer parte dos esforços reformistas voltados a corrigir a ideia, presente na teologia católica do século XV, da incerteza da salvação de Cristo e a dúvida do trabalho de Jesus Cristo como salvador (BECKWITH, In: GERHARD, 2009, edição Kindle, n.p.<sup>6</sup>).

A obra de Gerhard, voltada a aliviar a aflição, ou para aplacar o temor ao demônio, dentro do estilo das catequeses luteranas, são apelos ao exercício da consciência interior, voltados à libertação da alma e à compreensão da graça. É de uma determinada concepção de liberdade do cristão, de amor ao outro e dos mistérios da graça que tratam os ensinamentos do livro.

Em 1531, uma década e meia após a Reforma, Lutero escreveria:

Agora chegamos a isso, com a graça a Deus: homens e mulheres, jovens e velhos, conhecem o catecismo. Eles sabem como acreditar, viver, orar, sofrer e morrer (citado por KOLB, Robert em obra de 2007, Apud BECKWITH, 2009, edição Kindle, n.p.).

Com Lutero, de acordo com um de seus biógrafos, Robert Kolb, a Reforma não foi apenas um movimento sobre uma nova doutrina ou um questionamento ao conteúdo da fé, foi também, e acima de tudo, um novo direcionamento sobre viver e morrer fielmente (BECKWITH, 2009, edição Kindle, n.p.).

Vale destacar, quanto a esse novo direcionamento, que até o século XV, em partes da Europa cristã, o medo do apodrecimento do corpo morto e as preocupações com a decomposição da carne habitavam fortemente hábitos e ideias dos fiéis. Como analisa Johan Huizinga, os horrores da decomposição ficaram registrados na literatura religiosa, nas artes plásticas, na literatura popular e nas lápides, que, ainda no século XVI, eram ornadas pelo realismo das “imagens repugnantes de cadáveres nus e apodrecendo, com os vermes se retorcendo nas entranhas” (HUIZINGA, 2013, p. 223). Para o autor, esse “espetáculo horroroso”, predominante no pensamento cristão do final da Idade Média, expressava o medo da vida, porque a ela estavam ligados sofrimentos, desgraças, aversão à velhice, doença e morte, daí o grande valor que atribuíam aos corpos intactos de alguns santos (HUIZINGA, 2013, p. 229).

<sup>6</sup> n.p. – não paginado. Forma de citação para livros eletrônicos não paginados, ou de paginação irregular, de acordo com ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 6023: Informação e documentação: Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2018. 74 p.



O cuidado especial com que se preparavam alguns cadáveres, na tentativa de esconder os sinais da putrefação, como o de retocar os traços do rosto, é forte indício de que havia uma relação de conflito com a morte e de intranquilidade com a vida. Não havia, nem na produção literária e artística do período, como as xilogravuras, as iluminuras, as lápides, as pinturas, entre outras, a expressão de conforto ou de esperança. A ideia da morte, no final da Idade Média, mesclava “pavor fantasmagórico, terror frio, macabro e gélido calafrio” (HUIZINGA, 2013, p. 231).

Ademais, em consonância com Huizinga, Delumeau afirma,

Se a obsessão do Anticristo e o medo do fim do mundo – apreensões de origem clerical – atingiram em meados do século XIV camadas da população, provavelmente muito mais amplas que no ano mil, isso se deve não só às desgraças da época, mas também, e talvez sobretudo, aos meios de difusão desses terrores escatológicos (DELUMEAU, 2009, p. 318).

Para Delumeau, “o teatro religioso contribuiu por sua vez para difundir o temor ao Anticristo e ao Juízo Final, porque as representações tinham lugar diante de multidões consideráveis e mobilizavam um número importante de atores” (DELUMEAU, 2009, p. 320). Vale lembrar que nas sociedades medievais o papel da Igreja, enquanto representante de Cristo no mundo terreno, consistia em apontar o grande inimigo do gênero humano: Satã, com sua obsessão constante de conquistar o maior número de almas até o momento do Juízo Final. A ideia de um paraíso celestial como recompensa para os justos, o Purgatório, como um estado transitório de purificação, e a vida após a morte como um destino definitivo, serviu como um alicerce moral e espiritual para inúmeras gerações. Essas aspirações teológicas não só conferiram à Igreja Católica uma autoridade incontestável sobre as questões transcendentais, mas também permearam a arte, a literatura e as práticas cotidianas, consolidando sua influência nas estruturas mais profundas da sociedade ocidental. Nesse contexto, a Igreja não apenas se posicionou como a guardiã das verdades eternas, mas também como a detentora das respostas para as inquietudes fundamentais da existência humana. Porém, este papel e as suas hierarquias, apesar da homogeneidade, encontraram questionamentos, desconfiança e dúvidas.

Os manuais de conforto ou consolo não católicos, a exemplo do de Johann Gerhard, foram, neste cenário, contribuições teológicas importantes que cumpriam a função de aplacar o terrível medo da morte, tão presente desde a Idade Média. A questão central, de acordo com o que a historiografia sobre a Reforma já vem afirmando, era, portanto, questionar, criticar, combater e desfazer alguns dos princípios que sustentavam o cristianismo liderado pela Igreja Católica medieval, entre estes os rituais da morte, os seus sacramentos e as crenças ligadas ao post-mortem.

Não podemos esquecer de que, entre as partes essenciais relativas às crenças religiosas das sociedades, estão as representações e os imaginários sobre a morte. As crenças e as suas formas de representação dependem, fundamentalmente, das estruturas e do funcionamento da sociedade e da cultura em uma época dada (SCHMITT, 1999, p. 17); por essa razão, os historiadores, ao problematizarem a morte e os ritos de passagem para o Além, revelam algo que ultrapassa o estritamente religioso e põe em cena as formas de vida, de pensamento e visões de mundo. Como afirma Francis Wolff,





Se existem as representações artísticas é, provavelmente, antes de tudo, para invocar o além, para evocar os ancestrais. E, se existem ritos religiosos, são, antes de tudo, ritos funerários, destinados a sepultar os defuntos ou a celebrar os mortos. De modo que, seja o homem, por definição, criador de ferramentas, ou artista, ou religioso, ele o é porque está, em primeiro lugar, destinado a morrer (WOLFF, 2007, p. 19).

A interpretação do morrer e as representações sobre os mortos, entretanto, não podem ser consideradas, do ponto de vista histórico, um modelo humano universal, mas precisam antes, ser observadas sob diferentes moldagens das transformações culturais, marcadas pelas mudanças no tempo, no espaço, nos imaginários sociais e pelas formas políticas e doutrinárias, comprometidas em seus meios de divulgação, de leitura e de apropriação. As sensações, os medos, as emoções não são sentimentos neutros, são frutos de contextos históricos e, portanto, devem ser dimensionados no tempo.

## 1 O Manual de Gerhard e os catecismos de Lutero

Em seu conteúdo, o Manual de Gerhard dispõe de uma lista de perguntas possíveis e respostas acertadas que podem ser dadas pelo *Consolador*, acompanhadas de textos explicativos que levam o leitor ao conhecimento de passagens bíblicas. Parece que obedecia à mesma lógica dos Catecismos de Lutero, que serviam como material instrucional, sobretudo o “Catecismo Menor”, publicado em janeiro de 1529, destinado a pastores e pregadores indoutos (ARTUSO; KLEIN, 2017, p. 210). Semelhantes aos Manuais de Conforto, os Catecismos constavam de perguntas e respostas, visando a aprendizagem dos novos princípios teológicos. Tal a necessidade dos materiais de instrução, os Catecismos de Lutero exerceram muita influência na catequese católica, no catecismo redigido por decreto do Concílio de Trento<sup>7</sup> e publicado por ordem do Papa Pio V (ARTUSO; KLEIN, 2017, p. 213). De acordo com Artuso e Klein, “os catecismos tiveram grande repercussão e se divulgaram rapidamente. Na Suíça, surgem catecismos de Ulrico Zwinglio, em Zurique, e de João Calvino, em Genebra” (ARTUSO; KLEIN, 2017, p. 207).

O Manual de Gerhard segue os métodos aplicados por Lutero de apreço pela Escritura e primazia da pregação e ensino da Palavra de Deus, pois no luteranismo a doutrina cristã deriva das próprias Escrituras Sagradas e o conteúdo catequético dessas é a própria Lei e Evangelho. O sentido literal das Escrituras é inseparável do seu sentido espiritual. O objetivo de buscar o sentido literal e moral é mais evidente mediante escolha de textos direcionados a tocar as pessoas de diferentes estados e condições sociais.

Assim como Lutero, Gerhard voltava-se para o trabalho de tradução da Bíblia, a fim de torná-la acessível à linguagem do povo, insistia na leitura e estudo da Escritura para uma volta às fontes do cristianismo, mediante uma catequese que priorizasse a Bíblia como Palavra de Deus. O Manual tinha como princípio de fundamentação teológica o que de mais característico há na compreensão do cristianismo de Lutero: a defesa de que a graça se justifica pela fé em Cristo e somente em Cristo (FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 468).

<sup>7</sup> Ocorrido em Trento, entre 1545-1563, teve como objetivo principal reafirmar os dogmas da Igreja Católica.



Na crença luterana, as pessoas podem se aproximar da morte com confiança, esperança e certeza da Salvação de Deus em Cristo. De acordo com Ferguson e Wright, a fé em Cristo pode parecer uma “coisa” possuída pelo crente, mas é uma operação do espírito da graça. A graça, no Novo Testamento vem, de modo supremo, de uma Pessoa, Jesus Cristo, e está ligada a ele. O Espírito figura como fonte singular de toda a graça.

Os autores lembram que foi Agostinho quem falou novamente sobre a prioridade da graça, especialmente em sua doutrina da predestinação. Por ocasião da Reforma, no entanto, a graça estava sendo amplamente idealizada como virtude independente, por meio da qual o pecador poderia produzir atos que o recomendavam ao favor divino, tendo antes a recebido como dom de Deus. Sob a pregação dos reformadores, ocorreria um reavivamento da primazia da graça, juntamente com uma convicção de seu sentido básico de favor divino. A graça, para Lutero, manifestava-se em impulsos irregulares de fé contra a tentação do legalismo e da autossuficiência (FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 468 e passim).

Igualmente, neste sentido, a remissão dos pecados está instruída no “Catecismo Menor” de Lutero, como afirmam Artuzo e Klein, ao lembrarem que o reformador ensinava que:

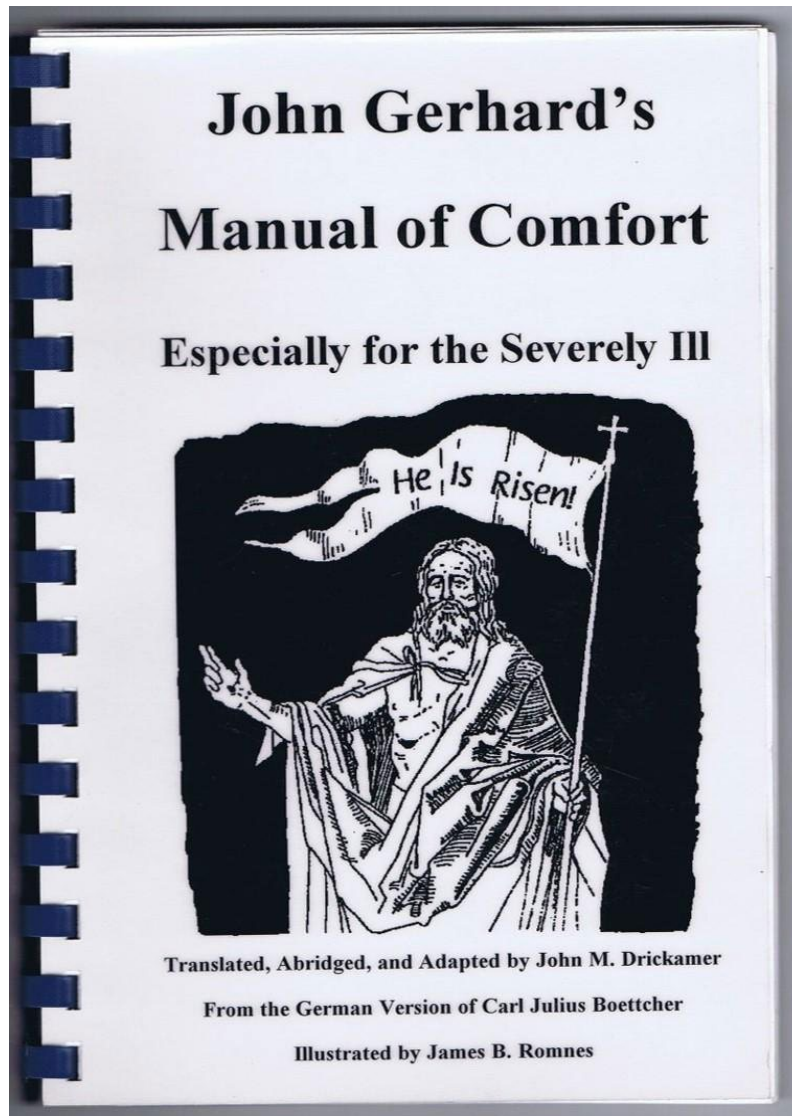
É preciso reconhecer que Deus perdoa e já nos ofereceu o perdão antes de pedir. Esta afirmação é uma acomodação do texto: Deus sabe o que necessitamos antes mesmo de pedirmos. É certo que somos predestinados a ser santos desde sempre (Ef 1) mas a resposta de fé é que dá o perdão. De fato, nos Atos dos Apóstolos na pregação de Pedro a fé precede o perdão e remissão dos pecados (ARTUSO; KLEIN, 2017, p. 230).

Na seção em que trataremos do conteúdo do Manual de Conforto essa associação entre o livro de Gerhard e os ensinamentos de Lutero ficará muito evidente, mais especificamente no que nos interessa demonstrar: a de que a Remissão dos Pecados, a graça de Cristo e o Purgatório era um conjunto de preocupações presentes entre as pessoas angustiadas com a ideia do fim de suas vidas.

## 2 O livro ‘Manual de Conforto’ e suas traduções

O *Manual das Consolações* (ou *Manual de Conforto*, na versão em português), escrito em 1611, ganhou, ao longo de anos, traduções e adaptações para diversas línguas. Originalmente em latim, teve edições subsequentes em 1613, 1618 e 1622. Para o alemão recebeu três traduções: de Johann Fredrich Schroeder, em 1611; por Christoph Scharschmied, em 1738 e, em 1877, de Carlos Julius Boettcher. O manual foi traduzido para outros oito idiomas europeus, ao longo dos séculos XVII e XVIII, entre estes para o inglês (1614, 1623); para o tcheco (1616); o dinamarquês (1619); para o francês (1628, 1637, 1654); o islandês (1656); para o idioma sueco (1679, 1702, 1776); para o húngaro (1742) e ainda para o russo (1783, 1784) (BECKWITH, 2009, edição Kindle, n.p.).

**Figura 1** – Capa da edição em inglês, de 1995, traduzido, resumido e adaptado pelo inglês John Drickamer que escreveu o prefácio de uma nova edição que tomou por base aquela traduzida para o alemão por Boettcher, de 18778.



Fonte: acervo pessoal da autora.

No século XX, em 1997, o inglês John Drickamer escreveu o prefácio de uma nova edição que tomou por base aquela traduzida por Boettcher, de 1877, de língua germânica. E são estas duas últimas traduções – para o inglês contemporâneo e o alemão do século XIX –, além da original em latim, as que serviram como material de trabalho para o luterano polonês, radicado no Brasil, pastor Horst Kuchenbecker. O professor e, até 2005, pastor na Comunidade Evangélica Luterana Cristo de Porto Alegre/RS, fez uso da versão de Boettcher para produzir a primeira e, até o momento, a única tradução para o português do livreto, na edição publicada em 2000, sob o título de *Manual de conforto para pessoas angustiadas e doentes* (GERHARD, 2000, p. 5).

<sup>8</sup> Numa livre tradução: “*Manual de Conforto de John Gerhard. Especialmente para os gravemente doentes*”. [John Gerhard's *Manual of Comfort. Especially for the Severely Ill*].



**Figura 2** – Edição em português de 2000 (2ª. edição), tradução do luterano polonês, radicado no Brasil, o pastor Horst Kuchenbecker, professor e pastor na Comunidade Evangélica Luterana Cristo de Porto Alegre/RS9.



Fonte: acervo pessoal da autora.

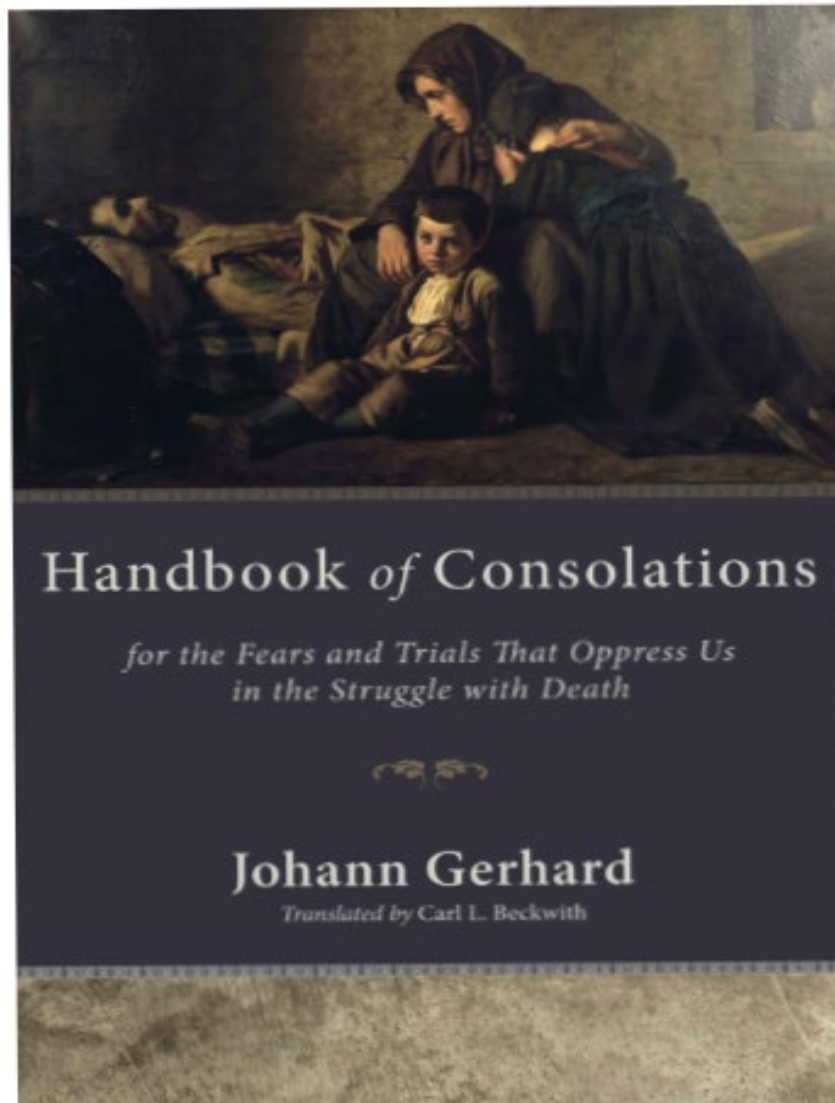
Pelas mãos de Horst Kuchenbecker, o Brasil ganhou este pequeno livro composto de 140 páginas e que traz as 46 possíveis perguntas que a “pessoa aflita” pode fazer ao “Confortador” em seus momentos derradeiros e o que este pode responder para lhe aplacar as angústias. Em sua versão para o português, Horst Kuchenbecker prefere o uso das palavras “conforto/confortador”, adotadas por Drickamer, ao invés de “consolação/consolador”, utilizadas originalmente por Gerhard, já que Confortador é a palavra que Lutero empregava para se referir ao Espírito Santo, uma vez que entre os luteranos, o Espírito Santo realiza o seu trabalho de Confortador, por meio da palavra de Deus, se corretamente administrada.

No século XXI, em 2009 e, portanto, posterior à edição brasileira da editora Concórdia, a editora americana Publishers Wipf & Stock, de Oregon, publicou, sob os cuidados da tradução de Carl Beckwith, uma nova edição, cujo título é: *Manual de consolações para os medos e julgamentos que nos oprimem na luta*

<sup>9</sup> Provavelmente a única edição para a língua portuguesa. O título foi traduzido como “*Manual de Conforto para pessoas angustiadas e doentes*”.

contra a morte [*Handbooks of Consolations for the Fears and Trials that Opress Us in the Struggle with Death*] (GERHARD, 2009).

Figura 3 – Capa da edição americana da Publishers Wipf & Stock, de Oregon, de 2009. Tradução de Carl Beckwith<sup>10</sup>



Fonte: acervo pessoal da autora.

É importante observar que o título do manual foi sofrendo adaptações e modificações ao longo do tempo. Da terceira tradução, feita para a língua alemã, de autoria do pastor Carl Julius Boettcher, em 1877, o título poderia ser traduzido como “*Manual de consolação. Pequeno livreto com poderoso conforto*”

<sup>10</sup> Numa livre tradução: “*Manual de Consolações para os medos e julgamentos que nos oprimem na luta contra a morte*” [*Handbooks of Consolations for the Fears and Trials that Opress Us in the Struggle with Death*].



que podemos contrapor à morte e às tentações na angústia da morte”<sup>11</sup> e para aquela feita em inglês, de 1995 pelo pastor John Drickamer, o título poderia assim ser lido: “*Manual de Conforto de John Gerhard. Especialmente para os gravemente doentes*”.<sup>12</sup>

Segundo o tradutor do latim para língua vulgar, o pastor evangélico luterano Carl Julius Boettcher, “o Manual de Conforto é, na área da literatura luterana de edificação espiritual, uma obra primordial” e comparou o Manual “a um jardim com ervas medicinais, no qual a pessoa que necessita de cura pode encontrar as mais diferentes plantas” (BOETTCHER, In: GERHARD, 2009, p. 6). Um jardim que fortaleceria a alma, onde o conforto estaria na medicina da palavra de Deus. Para Boettcher, “o livreto nunca deixará em apuros o pastor ou o leigo que precisam consolar almas aflitas. Aqueles que cuidam de doentes encontram no livreto respostas preciosas às perguntas e dúvidas que podem afligir uma alma e com as quais as pessoas se debatem” (BOETTCHER, In: GERHARD, 2009, p. 6).

Feito esse percurso acerca do formato e traduções do livro de Gerhard, passemos ao conteúdo do “Manual de conforto para pessoas angustiadas e doentes” na busca de melhor elucidar sobre o quanto tais manuais de conforto se assemelhavam a instruções catequéticas, de orientações pedagógicas a um cristianismo não católico, que deveria ser aprendido tanto pelo Confortador, como pela pessoa em sofrimento.

### 3 O conteúdo do “Manual de Conforto para Pessoas Angustiadas e Doentes”

Dos seus 46 capítulos, trataremos neste texto apenas daqueles mais voltados a aplacar as angústias dos últimos dias entre os cristãos em proximidade da morte; traremos os ensinamentos que reforçam a necessidade da fé em Cristo, que não colocavam em dúvida a graça em Deus e a necessária remissão dos pecados. Três princípios teológicos que arquitetam a conduta necessária à boa morte cristã.

O livreto<sup>13</sup> inicia com o capítulo 1, intitulado *Encarando a morte*, passa por seções que tratam, entre diversos assuntos, dos pecados, do arrependimento, da consciência, da tentação ao desespero, do temor da astúcia de Satanás e termina com os capítulos 45 e 46, sob os títulos, respectivamente, *O purgatório* e *O rigor do último julgamento*.

No capítulo que abre o livro, *Encarando a morte*, a pessoa aflita diz: “Sinto que minha doença é grave. Temo que possa ser meu fim. Sei que sou mortal, mas eu não gostaria de morrer agora. Gosto da vida. Este mundo é maravilhoso”.

Gerhard ensina que nesta hora o Confortador deve responder:

<sup>11</sup> No original: “*Enchiridion Consolatorium. Handbüchlein kräftigen Trsotes, welchen man dem Tode und den Anfechtungen is der Todesnoth kann entgensetzen*”.

<sup>12</sup> No original: *John Gerhard's Manual of Comfort. Especially for the Severely Ill.*

<sup>13</sup> Vale reforçar que neste artigo está-se trabalhando com a versão em português, a única no Brasil, traduzida por Horst Kuchenbecker, em 2000, para a Editora Concórdia, do Rio Grande do Sul. Kuchenbecker traduziu e adaptou a obra a partir do original em latim. Polonês, radicado no Brasil desde a infância, é professor universitário, pesquisador, autor de uma vasta obra e pastor que atuou na Comunidade Evangélica Luterana Cristo de Porto Alegre, entre 1983 e 2005. É pastor emérito da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil).





Deus não nos criou somente para esta vida pobre e curta, mas para a vida eterna. Deus criou Adão e Eva, nossos primeiros pais, para a vida eterna. Você foi redimido por Cristo, não para esta vida sobre a cruz, mas para uma vida abençoada que o aguarda no céu (GERHARD, 2000, p. 13).

E, após essas palavras, o Confortador deve completar com um ensinamento bíblico: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores dos quais eu sou o principal (1 Timóteo 1.15)” (GERHARD, 2000, p. 13).

Pelo evangelho, continua o Confortador,

O Espírito Santo chamou você para dentro do reino de Cristo, não somente para uma vida breve aqui na terra, mas para passar do reino da graça para o reino da glória, da Igreja Militante (em luta), para a Igreja Triunfante, do vale de lágrimas para o reino da alegria eterna. Por isso, o apóstolo Paulo afirma: “Se nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens (1 Coríntios 15.19)”. Se você é levado cedo pela porta da morte à vida eterna para a qual o Pai celestial o criou, o Filho o salvou e o Espírito Santo o chamou, não rejeito esta graciosa vontade de Deus para com você (Lc 7.30). Se Deus o está chamando, siga com alegria! (GERHARD, 2000, p. 13-14).

Ao tratar, assim, da vida e ao mesmo tempo do desapego a ela, em nome da vida eterna, no Além, o Confortador de Gerhard não pode perder a oportunidade de ensinar ao cristão que, se somos chamados para o Reino de Cristo, terá sido por uma recompensa pelas lutas travadas em nome D’ele aqui na Terra.

E é com base na ideia da Igreja Triunfante que o Confortador do Manual de Gerhard, no capítulo 2, *O aguilhão da morte*, pode responder à seguinte aflição: “O pensamento da morte me amedronta e me deixa ansioso e aflito, pois o pecado, o aguilhão da morte, me faz sentir a ira de Deus” (GERHARD, 2000, p. 15):

Se os pecados atemorizam o seu coração, olhe para Cristo. Ele morreu por você no altar da cruz, para que você não seja condenado à morte eterna. Em vez de olhar para a morte, olhe para Cristo. [...] Assim como nós nos tornamos mortais em Adão, por causa do pecado original e pelo pecar, assim somos vivificados em Cristo (1 Co 15.22), o Senhor da vida, o vencedor da morte (GERHARD, 2000, p. 15).

No Capítulo 5, intitulado *Serei beneficiado pela morte de Cristo?* A pessoa aflita diz:

Cristo morreu por todos, mas nem todos são beneficiados por sua morte. Como posso saber que a graciosa obra de Cristo me salvará? Como posso estar certo de ter parte em tudo o que Cristo conquistou por seu sofrer e morrer? (GERHARD, 2000, p. 23).



A estas dúvidas, o Confortador precisa responder: “Deus deu-lhe a palavra do evangelho e no evangelho lhe oferece a graça de seu Filho” (GERHARD, 2000, p. 23) e após citar Isaías (65.2) deve reforçar:

Ele chama e convida a todos. Ele certamente chama você também. O que Deus lhe oferece em sua graça, agarre-o com as mãos da fé. A fé agarra a Cristo e em Cristo agarra a graça de Deus, o perdão dos pecados e a vida (GERHARD, 2000, p. 23).

Todo o cristão deve ser temente a Deus e não deve deixar-se impregnar pela dúvida. No capítulo 14, sob o título de *As palavras da absolvição são verdadeiras?*, a pessoa aflita diz:

Vejo que na absolvição me é dado um conforto especial, mas minha fé não consegue firmar-se o suficiente na promessa do evangelho. Sou tentado a desesperar. Minha carne resmunga e diz: você está ouvindo somente palavras, você não vê a graça de Deus (GERHARD, 2000, p. 49).

Ao ouvir essas dúvidas, o Confortador retoma: “Você está ouvindo a palavra de Deus, que é confiável e eterna. O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida (João 6.63). Estas palavras são mais firmes do que o céu acima de sua cabeça ou a terra debaixo de seus pés” (GERHARD, 2000, p. 49).

E continua: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão (Lucas 21.33). Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente (Isaías 40.8)” (GERHARD, 2000, p. 49).

Em sequência, o Confortador, na sua missão de ensinar o verdadeiro conteúdo do Evangelho sobre a graça e a confiança em Deus, diz:

Quem confia nessas palavras será preservado para sempre. Deus não colocou somente sua palavra diante de nós, Ele ainda nos deu seus sacramentos. Eles são a palavra visível, sinais visíveis da graça invisível, selos das promessas de Deus para nutrir e fortalecer a fé. Pelo batismo, você foi recebido na graça de Deus, você recebeu a adoção de filho de Deus, você foi purificado pelo sangue de Cristo de seus pecados, você renasceu e foi renovado pelo Espírito Santo. Você tornou-se participante de todas as bênçãos celestiais. Cristo disse que o batismo é o meio para o renascimento. Todo aquele que renasceu pela água e pelo Espírito conforme a Escritura, é herdeiro da vida eterna, enquanto permanecer na fé (GERHARD, 2000, p. 49-50).

O capítulo 14 é bastante longo e o Confortador avança nos seus ensinamentos sobre o batismo e a salvação. Já o capítulo 16, sob o título de *Certeza da graça*, é enfático quanto à ideia fundamental no cristianismo da benevolência de Deus, de Sua generosidade de nos salvar do pecado e da morte, desde que, em troca, tenhamos fé.

Nesta seção do livro, a pessoa aflita diz:





Como posso ter certeza de que Deus vai me aceitar novamente na graça batismal? Será que isso pode ser confirmado ao meu coração por um selo firme e certo? Será que existe um outro sacramento pelo qual tal promessa da graça possa ser selada em mim? (GERHARD, 2000, p. 56).

Ao que o Confortador ensina: “Sim, na Santa Ceia você recebeu o corpo que Cristo deu à morte por você e o sangue que Cristo derramou na cruz pelos seus pecados. Na Santa Ceia você recebe o preço que Cristo pagou por você, para conciliá-lo com Deus Pai” (GERHARD, 2000, p. 56).

E para confortar aquele que crê, mas está em dúvida, o Confortador continua:

Este preço é o seu corpo e sangue dado e derramado em seu favor, para perdão dos pecados. Você pode estar certo de que na Santa Ceia você recebe tudo o que Cristo conquistou para você no altar da cruz: a graça de Deus, o perdão dos pecados, a justiça, a vida e a salvação. Tudo isso é dado a você na Santa ceia com, em e sob o pão, o corpo de Cristo e com em e sob o vinho, o sangue de Cristo, derramado em seu favor, para o perdão dos pecados (GERHARD, 2000, p. 56).

Em um capítulo anterior a este, no capítulo 3, intitulado *Ansiedade por causa dos pecados*, a remissão dos pecados aparece como uma angústia central para os que se acham preocupados com a morte. Nesses momentos derradeiros de suas vidas surgem as dúvidas quanto à misericórdia e compaixão de Deus para o perdão. De modo que não prevaleça essa dúvida o Confortador de Gerhard é bem instruído. A pessoa aflita diz:

Os meus pecados me atormentam. Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe (Salmo 51.5). Ao longo de minha vida cometi muitos pecados e os mais variados. Como posso esperar que Deus me seja gracioso, pois ofendo a Deus durante tanto tempo! Como posso esperar qualquer conforto diante da morte, se mereço morrer por causa de meus pecados! E todos os que morrem sem a graça de Deus vão para o inferno! (GERHARD, 2000, p. 17).

O Confortador, nesse momento tão angustiante, deveria responder ao fiel: “Olhe para Cristo, o crucificado. Ele pagou o preço por seus pecados. Ele derramou seu sangue por você” (GERHARD, 2000, p. 17).

E citando um mosaico de versículos do Antigo e do Novo Testamento, o Confortador, instruído pelo Manual de Gerhard, deve buscar as palavras certas de consolo (GERHARD, 2000, p. 18-20). Ele prossegue: “Jesus é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! (João 1.29)”; “Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal (1 Timóteo 1.15)”; “Jesus, o sumo sacerdote no Novo Testamento se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave (Efésios 5.2)”; “Jesus tomou o castigo de nossos pecados sobre si próprio. Ele é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (João 1.19)”; “O derramar do seu sangue divino trouxe perdão completo, por isso Jesus exclamou no final de seu sofrimento: Está consumado! (João 19.30)”; “Ele, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados (Apocalipse 1.5)” (GERHARD, 2000, p. 18-20).



As frases de consolo, tecidas para apaziguar o medo, parecem dizer que, se são muitas as provas da bondade, do sofrimento, da resignação do filho de Deus para com a comunidade de cristãos, não existiriam motivos para angústia, aflição e dúvida.

Nesse sentido, aqui o texto pedagógico do Manual refletiu e repetiu o que está no escrito de consolo, redigido por Martinho Lutero, em 1519, por ocasião do adoecimento do príncipe Frederico, o Sábio.<sup>14</sup> O capelão da corte pede a Lutero que redija um escrito de consolo para o príncipe-eleitor, de acordo como um “cura d’almas” deveria fazê-lo. Ao invés de seguir o que de costume se faziam nesses tipos de escritos, de tradicionalmente descrever o destino, o sofrimento e os poderes de santos, Lutero fez uma reinterpretação completamente nova: não descreveu um ciclo de vida-de-santos, mas descreveu “a realidade espiritual, e os olhos do observador dirigidos para o essencial. Com certa abstração e sobriedade” (LUTERO, 2011, p. 12). Para Lutero, a cura d’almas é pessoal, no centro deve estar a realidade de Deus, sob sofrimento, mas em direção à fé.

No escrito de consolo de 1519 de Lutero, a “fuga ilusória em direção aos santos, aos mediadores, é eliminada; o ser humano tem que se confrontar com a realidade. Sofrimento, doença, morte, males e bens não são fruto do acaso que se possa transferir aos outros” (LUTERO, 2011, p. 12), mas são de ordem pessoal, do próprio ser humano. É a Escritura, e não o culto aos santos, que Lutero trazia como o verdadeiro consolo. Somente a palavra de Deus leva à verdadeira libertação interior do ser humano.

Neste escrito de Lutero, de 1519, o Manual de Johann Gerhard, de 1611, encontra a sua diretriz e espelhamento. A situação do ser humano está sujeita a sete males: pecado, medo, perigo, morte, inferno, injustiça, tentação e cruz. Em Lutero, “essa situação é limitada pela solidariedade de Cristo com os sofrimentos, pois ele também santifica o sofrimento” (LUTERO, 2011, p. 13). O texto que ficou intitulado como *Catorze consolações*, composto por sete bens e sete males, foi impresso em 1520, e seus ensinamentos estão evidentes no livreto de Gerhard.

O capítulo que trazemos à cena agora é o 45, *O purgatório* (p. 130). Vale lembrar que estamos tratando de um manual luterano e que o Purgatório é doutrina exclusiva do universo católico, razão pela qual ficamos surpresos e atraídos pela leitura deste material. Pareceu-nos que, no século XVII - centúria em que o Manual de Gerhard foi escrito - esse terrível medo atrelado ao fim da vida dos devotos parece povoar o imaginário do mundo cristão indistintamente, pela sua força de permanência no tempo, a ocupar os assuntos terrenos das liturgias, nascidas ao longo dos séculos XIII-XIV e criadas pela Igreja Católica.

De acordo com John Bossy,

no que relaciona com a morte, a Igreja de antes da Reforma, embora tenha preocupado alguns intelectuais, nada fizera que perturbasse os sentimentos dos leigos; na verdade (...) fez o contrário. Múltiplas como eram as suas disposições acerca da morte e dos mortos, estas representavam um dos maiores recursos no conflito contra os reformistas. A história dos países reformados, e espe-

<sup>14</sup> De acordo com os tradutores e organizadores da obra “Martinho Lutero, obras selecionadas: o Programa da Reforma, escritos de 1520”, Frederico, o Sábio (1463-1525), foi, desde 1486, príncipe-eleitor da Saxônia. Ficou conhecido por interceder por Lutero ante o papa e o imperador e por ter evitado o processo contra Lutero, auxiliando, dessa forma, a Reforma alemã. A Frederico se deve a criação da Universidade de Wittenberg, na qual Lutero atuou. Cf. LUTERO (2011, p. 110).



cialmente a da Alemanha, mostra-nos bem a insistência popular das dificuldades que poderiam ser criadas aos teólogos e pastores reformistas (BOSSY, 1990, p. 42).

O dogma do Purgatório ocupará por longuíssimos seis séculos, pelo menos, os textos dogmáticos, nos debates teológicos<sup>15</sup> e seus concílios<sup>16</sup>, nos corações e mentes dos leigos.

Tema também presente no Manual de Conforto, à página 130, momento que que a pessoa aflita diz: “Temo a punição no purgatório. Sou oprimido por muitos tipos de fraqueza pecaminosas. Deus entrará em juízo comigo (SI 143.2) e me condenará ao purgatório”.

Ao que o Confortador assevera:

Qualquer pessoa, com a qual Deus entra em juízo, qualquer pessoa que não foi reconciliada com Deus durante esta vida, é condenada por Deus, não a um purgatório, *que não existe* [grifos nossos]; mas ao inferno no qual sofrerá eternamente. Mas toda a pessoa que se arrepende de seus pecados e crê em Cristo pode ter a certeza e tem a promessa do seu Salvador de que ela não precisa temer um lugar de sofrimento e tormentos. Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, *não entra em juízo* [grifos nossos], mas passou da morte para a vida (João, 5.24) (GERHARD, 2000, p. 130).

Ao seguir Lutero e suas condutas voltadas para a realidade, sobriedade e consciência interior, o Confortador abrandava o coração do aflito, ignorando o profundo e acalorado debate teológico que marcara o cristianismo daquele tempo, o julgamento das almas:

A Escritura só conhece dois tipos de pessoas: penitentes e impenitentes, crentes e incrédulos, e somente dois lugares após a morte: céu e inferno. Na Escritura não encontramos nada sobre três tipos de pessoas ou três lugares. Há somente dois lugares: o céu, um lugar de conforto, e o inferno, um lugar de tormentos (GERHARD, 2000, p. 130).

E, finaliza: “nenhum tormento molestará os fiéis após a morte” (p. 131).

Assim, em meio a um dos maiores dilemas teológicos da era moderna, que marcou com profundidade a cisão entre católicos e protestantes, o Confortador de Gerhard tinha a missão de desmentir o temor dos fiéis em relação ao Purgatório, sob um viés doutrinário ao qual os luteranos considerariam como objetividade, realismo e simplicidade, sem apelo às alegorias ou às metáforas católicas. A condenação que

<sup>15</sup> Jacques Le Goff, no clássico “O nascimento do Purgatório”, localiza no ano de 1254 o nascimento do Purgatório como lugar, de acordo com uma carta oficial do Papa Inocêncio IV ao cardeal Eudes de Châteauroux, na Grécia. Na carta, o Papa define o Purgatório como o nome correto do lugar para a purgação das almas dos que morrem após terem recebido a penitência, mas sem terem tido tempo para a cumprir. Neste lugar, essas almas, marcadas por pecados veniais ou de culpas mínimas, poderiam ser ajudadas pelos sufrágios da Igreja. (LE GOFF, 1995, p. 329).

<sup>16</sup> O 2o. Concílio de Lyon, em 1274; o concílio de Ferrara-Florença, em 1438; o Concílio de Trento, em 1563 tiveram a afirmação do Purgatório entre os seus temas (LE GOFF, 1995, p. 329, 330, 333, passim).



o luteranismo fazia da existência desse Além intermediário ficava bem evidenciado nas lições do capítulo 45, *O purgatório*, à página 130 do Manual de Gerhard.

#### 4 Johann Gerhard e o seu contexto histórico

Johann Gerhard, como já mencionamos, nasceu em 1582, na pequena cidade medieval de Quedlinburg, Alemanha. Segundo estudos biográficos, sua família ocupava status social distinto e lhe forneceu educação também distinta, chegando a estudar Medicina na Universidade de Whittenberg e Teologia na Universidade de Jena, onde tornou-se professor a partir de 1616, até a sua morte, em 1637 (BECKWITH, 2009, edição Kindle, n.p.).

De acordo com Carl Beckwith, que traduziu o *Manual das Consolações* para a edição em inglês contemporâneo de 2009, o contexto em que Gerhard viveu pode ser caracterizado como uma era marcada por dois movimentos teológicos significantes, nascidos às vésperas do período da Guerra dos 30 anos (1618-48) e amadurecidos no meio da brutalidade e devastação dessa guerra (BECKWITH, 2009, edição Kindle, n.p.).

Um desses movimentos foi o *Pietismo*, que nasceu da Alemanha, em fins do século XVII, em oposição ao segundo movimento, o *Dogmatismo*, da ortodoxia luterana. Os pietistas se voltavam a cultivar a devoção mais focada nas práticas da fé e defendiam a renovação da piedade, com base em um retorno subjetivo e individual ao estudo da Bíblia e à oração e preocupavam-se com a aproximação mais calorosa com os fiéis (FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 791). Os dogmatistas, em contrapartida, se caracterizavam por suas posições intransigentes ou inquestionáveis em relação à doutrina.

Em termos de produção de discurso e de direcionamento a potenciais leitores, a obra de Johann Gerhard poderia, em nosso ponto de vista, ser localizada numa intersecção entre o incentivo à piedade, direcionado aos fiéis menos instruídos na doutrina luterana, e ao dogmatismo, claramente voltado aos especialistas e doutos nos dogmas da religião protestante. O *Manual* de Gerhard é obra que consegue aliar *Pietismo* e *Dogmatismo*, demonstrando que esses dois movimentos opostos, divididos na disputa pela melhor forma de compreensão e apreensão dos princípios e fundamentos do cristianismo, não precisariam necessariamente estarem separados.

Considerado um dos principais teólogos dogmáticos de seu tempo e voz competente da ortodoxia luterana do século XVII, Gerhard é conhecido também, por outro lado, pela publicação de numerosos trabalhos de devoção e de meditação sobre a piedade, entre estes, *Meditações Sagradas*, de 1606 (BECKWITH, edição Kindle, n. p.), *Loci Theologici*, escrita entre 1610 e 1625<sup>17</sup> e composta por nove tomos, o *Manual das Consolações* (no Brasil, *Manual de Conforto*), de 1611, e *Escola Religiosa* [Schola Pietatis], de 1622 (BECKWITH, edição Kindle, n. p.).

Martinho Lutero e Johann Gerhard separam-se no tempo, mas se encontram nessa atmosfera marcada pelas formas do pensamento moderno, quando o humanismo renascentista, pouco a pouco redescobriu o indivíduo. Ideias que agora chegavam finalmente no mundo hermético da teologia, última “cidadela a ser conquistada”, conforme Ronaldo Cavalcante (2016, p. 1275). Vale lembrar que, antes de

<sup>17</sup> A obra completa *Loci Theologici*, com seus nove tomos, pode ser acessada na forma digital em: <https://archive.org/details/LociTheologici>. Último acesso para publicação deste artigo: 07/12/2024.



1517 outras reformas já estavam em curso, que incluíam novas formas de se ler o texto sagrado, a partir de suas línguas originais, como parte do movimento *ad fontes*, que buscava recuperar a cultura clássica grega e romana antigas (CAVALCANTE, 2016, p. 1275). Segundo o autor, o Latim e o texto da Vulgata não seriam descartados, porém não mais teriam a primazia para as interpretações e conclusões teológicas e dogmáticas. Lembra Cavalcante que “a publicação do *Novo Testamento Grego 2*, de Erasmo de Roterdã, apesar das suas limitações, corrigidas nas edições subsequentes, deu-se em 1516, portanto, cerca de um ano antes da deflagração da Reforma” (CAVALCANTE, 2016, p. 1275). Isso indica que uma mudança significativa do cristianismo ocidental já estava a caminho em fins do século XV e inícios do século XVI. Para o autor, “o próprio Erasmo havia publicado seu importante *Enchiridion Militis Christiani (Manual do soldado cristão)* em 1503, pregando uma laicização educada e letrada do cristianismo, rompendo com a hegemonia cultural do clero e do monaquismo que perdurava por mais de um milênio” (CAVALCANTE, 2016, p. 1275).

Para Roberto Romano, Lutero abriu caminho para as formas do pensamento moderno; nele, o divino encontra-se na consciência humana.

O itinerário para o divino, desde Lutero, não é exterior, mas se desenvolve na consciência. Sem a graça, desaparecem as esperanças da imortalidade, somos jogados num mundo sem poros. As núpcias entre o finito e o infinito, a reconciliação absoluta, constituem a única esperança de paz. Sem elas, o próprio amor é tormento infernal. (ROMANO, 2015, p. 12)

Para Beckwith, tradutor da versão mais recente para o inglês americano (2009), o livro de Gerhard é representante de uma literatura que emerge no início da modernidade europeia, após a Reforma Luterna,<sup>18</sup> em meio a um cenário econômico e social agitado e instável, imerso na guerra, na fome, na doença e pragas. A vida era frágil e incerta e havia a necessidade de conforto entre jovens e velhos de se prepararem para partir desta vida para outra (BECKWITH, 2009, p. XIX).

## Considerações finais

Consideramos que o Manual de Gerhard, traduzido para diferentes idiomas, republicado em um número significativo de edições ao longo de quatro séculos, pode refletir a importância que adquiriu como instrumento pedagógico para o bem morrer no universo das confissões religiosas não católicas. Em seu ascetismo protestante e sentido prático, o livretinho contribuiu para perpetuar o princípio luterano de que a Escritura se explica por si mesma; Gerhard junta-se ao esforço do reformador de realizar na Igreja uma volta às fontes genuínas do cristianismo.

Ao orientar clara e explicitamente o Confortador e negar a existência do Purgatório, na lição de n. 45, quando este temor aparece à pessoa angustiada e doente, Gerhard reconhece a preocupação eminente entre os cristãos de seu tempo sobre esse lugar no Além, até mesmo entre os não católicos, e estabelece com os católicos – por meio de seu manual didático – uma disputa pelo domínio da fé e da verdade sobre Deus. As estratégias de evangelização do Manual de Conforto são aquelas que se localizam “nas discussões

<sup>18</sup> Que pode ser localizada entre 1517-1648.





acesas entre protestantes e católicos do século XVI” (LE GOFF, 1995, p. 15), na busca por evitar a contaminação da religião pelas ‘superstições’ populares” (LE GOFF, 1995, p. 27).

A questão essencial parece ser a fé cristã: a graça e a justificação. O que está em jogo é o questionamento da teologia escolástica em relação à graça de Deus, obediência, livre arbítrio e amor, que fazem parte das 95 teses de Lutero.

Não sabemos se a edição brasileira do livro de Gerhard, por meio do *Manual de Conforto para pessoas angustiadas e doentes*, divulgado entre nós pela tradução do pastor Horst Kuchenbecker, do Rio Grande do Sul, atingiu seu propósito de ampliar a catequese de Lutero nos momentos derradeiros das vidas de cristãos, angustiados com a morte. Isto seria uma investigação a ser feita em trabalho posterior. Porém, essa tradução nos dá indícios para pensar o quanto são permanentes no tempo traços evidentes de mentalidades duradouras, entre as quais estão, de um lado, as palavras de conforto, e de outro, o medo e as angústias da morte.



## REFERÊNCIAS

### Fontes

- GERHARD, Johann. *Manual de Conforto para pessoas angustiadas e doentes*. Tradução de Horst R. Kuchenbecker. Canoas: Ed. Concórdia/Editora da ULBRA, 2000 [1611].
- GERHARD, Johann. *Handbook of Consolations: for the fears and trials that oppress us in the struggle with Death*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2009 [1611]. Trad. Carl Beckwith. E-book, edição Kindle, não paginado, n.p.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: o programa da Reforma - escritos de 1520*. Tradução de Martin N. Dreher et al. São Leopoldo: Sinodal/ Porto Alegre: Concórdia, 2011, vol. 2.
- LUTERO, Martinho. *Da liberdade do Cristão. Prefácios à Bíblia* (Edição bilíngue). Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: UNESP, 2015.

### Obras

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARTUSO, Vicente; KLEIN, Carlos Jeremias, Os Catecismos de Lutero e o uso da Escritura. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 206-238, jan./mar. 2017.
- BECKWITH, Carl. Introduction. In: GERHARD, Johann. *Handbook of Consolations: for the fears and trials that oppress us in the struggle with Death*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2009 [1611]. Trad. Carl Beckwith. E-book, edição Kindle, não paginado, n. p.
- BOETTCHER, Carl Julius. Prefácio. In: GERHARD, Johann. *Manual de Conforto para pessoas angustiadas e doentes*. Tradução de Horst R. Kuchenbecker. Canoas: Ed. Concórdia/Editora da ULBRA, 2000 [1611].
- BOSSY, John. *A Cristandade no Ocidente. 1400-1700*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CAMPOS, Adalgiza. *As Irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no Setecentos mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.
- CAVALCANTE, Ronaldo de Paula. “Você não é piedoso” - A Piedade Cristã e o desafio do Humanismo: breve ensaio a propósito de um texto clássico de Lucien Febvre sobre Lutero (e Erasmo). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 44, p. 1274-1297, out./dez. 2016.
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/ São Paulo: FAPESP, 2000.
- CHARTIER, Roger. Normas y conductas: el arte de morir, 1450-1600. In: *Sociedad y escritura em la Edad Moderna*. La cultura como apropiación. México, Instituto Mora, 1995.
- DECKMANN FLECK, Eliane Cristina, DILLMANN, Mauro. A literatura cristã-católica europeia e sua circulação na América: as potencialidades de um arquivo para pesquisas sobre a história das religiões e das religiosidades. *Revista del CESLA*, Uniwersytet Warszawski, Varsóvia, Polônia, n. 18, 2015, pp. 89-116.



- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- DILLMANN, Mauro. *Morte e práticas fúnebres na secularizada República*. Porto Alegre, início do século XX. 1. ed. Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2016.
- FLORENTINO, Luiz Felipe; SILVA, Hudson Louback Coutinho da. Os reflexos da imprensa na Reforma Protestante e seus efeitos sobre a crítica popular europeia ao clero. Três Lagoas: *Revista Eletrônica Trilhas da História* v.8, n.15, jul-dez, 2018. p. 321-333. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/5759>. Acesso em 06/12/2024.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo, Cosac Naify, 2013
- KOLB, Robert [2007]. Introduction In: *A Booklet of Comfort for the Sick & On the Christian Knighth by Johann Spangenberg, tradução de Robert Kolb (Milwaukee, WI: Marquette University Press, 2007)*. Apud: BECKWITH, Carl. Introduction. In: GERHARD, Johann. *Handbook of Consolations: for the fears and trials that oppress us in the struggle with Death*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2009 [1611]. Trad. Carl Beckwith. E-book, edição Kindle, não paginado, n. p.
- LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- NASCIMENTO, Mara Regina do. No culto aos mortos, as memórias e as sensibilidades urbanas. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013, pp. 131-144.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- RODRIGUES, Claudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. RJ: Sec. Municipal de Cultura, 1997.
- RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- ROMANO, Roberto. Introdução. LUTERO, Martinho. *Da liberdade do Cristão. Prefácios à Bíblia* (Edição bilíngue). Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: UNESP, 2015.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- VOVELLE, Michel. *As almas do Purgatório ou o trabalho de luto*. São Paulo: UNESP, 2010.
- WOLFF, Francis. Devemos temer a morte? In: NOVAES, Adauto (org.) *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.
- ZIERER, Adriana. Ars Moriendi. In: NASCIMENTO, Mara Regina do e DILLMANN, Mauro (org.). *Guia Didático e Histórico de verbetes sobre a morte e o morrer*. Porto Alegre: Casalettras, 2022, p. 46-53.

## Obras de referência

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 6023: Informação e documentação: Referências - Elaboração*. Rio de Janeiro, 2018. 74 p.
- FERGUSON, Sinclair B. e WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*, São Paulo: Hagnos, 2009.